

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT18.007

DEBATENDO SOBRE PROCESSOS EDUCATIVOS: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA ESCOLA

MATHEUS ALMEIDA BRASILEIRO

Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba -UEPB;

MEL CLARICE SOUZA COSTA

Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba -UEPB;

PAULA ALÍPIO DE ANDRADE SOUZA

Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba -UEPB.

RAQUEL DA SILVA GUEDES

Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco; Mestre, bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

RESUMO

Esse trabalho tem como finalidade problematizar, debater, informar e ajudar nas demandas do contexto escolar infantil. Desta forma, os objetivos estão elencados em observar e debater sobre as demandas específicas dos alunos do quarto ano do Ensino Fundamental I de uma escola na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, para, em seguida, através do planejamento adequado sob a metodologia da Psicologia no âmbito escolar, promover reflexões por meio de intervenções que venham a contribuir com as demandas observadas no contexto. Sabe-se que o contexto escolar é um dos mais importantes para o processo de desenvolvimento infanto-juvenil, obtendo no ciclo de atividades cotidianas a demanda proposta na educação curricular obrigatória orientada pelo Ministério da Educação a partir da Base Nacional Comum Curricular, além da promoção de interações socioeducativas de um contexto cultural e econômico que se revelam a partir do comportamento dos discentes. A partir disso, foi percebido na escola, questões em relação ao *bullying*, demandas que envolviam o processo de luto e dificuldades de interação entre os alunos. Portanto, o grupo de estágio realizou, além de observações, duas intervenções em cada série elencada com o intuito de

contribuir para a educação socioemocional, para a informação dos discentes sobre os riscos causados pela violência escolar, bem como na promoção de um debate sobre o reconhecimento e elaboração das emoções. Após esse trabalho, foi percebido uma evolução nas relações grupais e subjetivas dos alunos das turmas envolvidas.

Palavras-chave: Contexto Escolar Infantil; *Bullying*; Educação Socioemocional; Intervenção Psicológica.

INTRODUÇÃO

Compreende-se como Psicologia Escolar a área de produção de conhecimento e atuação profissional que possui como lócus de ação o processo de escolarização, focando-se na escola e nas relações que nela se estabelecem (LOPES; GESSER; OLTRAMARI, 2014). A prática da Psicologia considera a responsabilidade social e a promoção de bem-estar e autonomia.

Segundo o Código de Ética Profissional (2005), o psicólogo deve basear o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Os psicólogos têm como princípio fundamental da prática, a promoção de saúde e da qualidade de vida, contribuindo para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Amiralian (2005, p. 61) destaca a escola como base para a inclusão social, segundo a autora, a escola "é o contexto ao qual se deve dirigir todos os esforços para se alcançar as mudanças almejadas nas atitudes para com as pessoas". Refletir acerca da diversidade humana e seu impacto na sociedade e nas políticas públicas é essencial para promover os direitos humanos, e entender a condição humana em sua dimensão histórica, social e ideológica (MACHADO; BATISTA, 2021).

Sendo assim, o psicólogo deve seguir os princípios que regem a profissão em qualquer campo que se proponha a atuar, inclusive no ambiente educativo. Pensar a inclusão da diversidade é crucial para gerar mudanças na própria sociedade, especialmente em se tratando de um público que por diversas questões socioculturais apresenta demandas diversas sobre violência, sexualidade, empatia, emoções, adoecimento, ansiedade e suicídio. Portanto, mostra-se relevante e necessário promover intervenções psicológicas acerca da inclusão no ambiente escolar, contribuindo para o acolhimento das diversidades e para o entendimento sobre tais questões.

A presente proposta foi planejada para o Estágio Básico II com ênfase em Desenvolvimento Humano e Processos Educativos do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, campus I – Campina Grande-PB. As intervenções foram realizadas por sete estudantes de Psicologia e ocorreram em uma escola situada na mesma cidade, durante o semestre de 2023.2, entre os meses de março e junho, sendo o mês de junho dedicado à produção de material científico. Ao longo

de todo o estágio houve acompanhamento pela supervisão e preceptoria do local de prática. O público-alvo e demais detalhes da intervenção foram definidos a partir das demandas observadas na escola.

Todavia, a proposta de intervenção incluiu os seguintes passos: Primeiramente foram realizados encontros semanais com aproximadamente 2h com o objetivo de conhecer a escola, os professores, gestores, estudantes e psicólogos, bem como o funcionamento da instituição. A partir de instrumentos como entrevistas e observação participante, foram identificadas as necessidades específicas da instituição e, na sequência, houve o planejamento de ações em conjunto com a supervisão e a preceptoria, sendo composta pelo psicólogo e professores. Inicialmente foi proposto o trabalho de questões relativas à inclusão da diversidade na escola, especificamente no ciclo do Ensino Fundamental I. Porém, como afirmado anteriormente, existiu a flexibilidade para adaptar a intervenção às necessidades da instituição.

Após conhecer o local e suas demandas, foram realizados encontros com o objetivo de disparar reflexões acerca dos temas da diversidade na instituição, buscando identificar boas práticas de acolhimento das diversidades e construção de estratégias coletivas de apoio. Com proposta, almejou-se realizar um alinhamento teórico-prático em relação a questões de diversidade nas relações, problematizando situações reais e fomentando a criação de uma rede de acolhimento às diversidades no local. Estes encontros aconteceram de acordo com as necessidades observadas, sendo em sala de aula, com professoras e preceptor.

Os encontros de intervenção tiveram formato previamente planejado pelos estagiários junto com a supervisão e a preceptoria na instituição de ensino. As possibilidades de ferramentas de intervenção foram variadas, indo desde rodas de conversa para conhecer as reflexões e dificuldades trazidas pelos participantes, até dinâmicas e utilização de material de apoio como livros e vídeos para trabalhar o tema da inclusão da diversidade e sobre as emoções, a partir da demanda do **bullying** e do luto pela perda de um colega de escola que falecera por suicídio. Foram acolhidas as emoções e opiniões e realizadas intervenções no sentido de promover a reflexão e divulgar conhecimento acerca desses pontos, buscando sempre viabilizar a convivência a partir da diversidade, do afeto, da aceitação e da ressignificação das emoções. O intuito da intervenção foi pensar conjuntamente sobre boas práticas de acolhimento das diversidades e construir estratégias coletivas de apoio.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

A Psicologia Escolar é uma área de atuação do psicólogo que nasce junto com a psicologia. O(A) psicólogo(a) educacional estava inserido(a) inicialmente na busca por entender as possíveis patologias dos estudantes, tratando-se de uma prática voltada aos sintomas e não à subjetividade do(a) aluno(a). Nesse sentido, não era um exercício que buscava manejar as necessidades individuais e/ou de um grupo, mas de compreender os fracassos do contexto educacional. O(A) psicólogo(a) era, portanto, um psicometrista que avaliava as defasagens dos(as) alunos(as) e que seguia um modelo clínico-terapêutico descolado da realidade, como dito por Dias, Patias e Abaid (2014).

Nesse sentido, Dias, Patias e Abaid (2014), informam que o que impactava o bom resultado do(a) psicólogo(a) escolar no contexto educacional brasileiro era, em parte, a forma como se guiava a atuação, estando ela assolada na falta de conhecimento em relação à contribuição de áreas de apoio. Sabe-se que as práticas do corpo escolar estavam a serviço de uma estigmatização e de uma ideologia patologizante entre a escola, o(a) aluno(a) e as famílias. Partindo disso, uma reflexão a respeito dessas práticas ascendeu, pois era necessário priorizar o contexto escolar e não clínico.

Atualmente, ainda existem problemas que dificultam a atuação do psicólogo escolar devido a defasagem do sistema educacional brasileiro e em detrimento ao pouco suporte oferecido durante a formação profissional dos psicólogos. Além disso, há um falso entendimento de que o(a) psicólogo(a) escolar e o(a) psicólogo(a) educacional exercem as mesmas funções, porém, há distinção entre a função deles. No que diz respeito ao psicólogo(a) escolar, sabe-se que a atuação está voltada para uma prática diretamente escolar, abarcando o contexto do desenvolvimento cognitivo, comportamental e social que tocam o cotidiano escolar. Já o(a) psicólogo(a) educacional tem a prática está voltada à pensar, refletir e pesquisar sobre os processos educacionais em geral, a fim de promover melhores manejos no ambiente escolar (DIAS, PATIAS & ABAID, 2014).

Nesse sentido, a atuação do(a) psicólogo(a) educacional e/ou escolar deve estar voltada para a promoção de uma interdisciplinaridade, a fim de formar uma rede de apoio e atenção para o indivíduo, a família e a comunidade. Saindo do enfoque clínico e remediativo, é necessário que a atuação seja pautada em um compromisso ético e preventivo, buscando promover a saúde mental dos que estão

inseridos no ambiente educacional. Desse modo, não basta prender-se ao ambiente educacional, prezando a observação dos contextos aos quais os membros do corpo estudantil e escolar estão inseridos.

Segundo os preceitos piagetianos, são as relações sociais que definem as dimensões biológicas e psicológicas do indivíduo (TREVISI; ALMEIDA, 2014). Além disso, para Piaget, a ação humana visa uma melhor adaptação ao meio, logo, considerar o ensino voltado para o socioemocional do aluno é prezar por formar pessoas emocionalmente capazes de lidar de maneira mais eficaz com as emoções conforme as situações cotidianas impostas pela vida (FARIAS, 2021). Assim, a Teoria Bioecológica, idealizada por Bronfenbrenner (2011), atenta aos processos e contextos que os indivíduos estão inseridos. O autor ressalta que a escola é um microsistema em que todos os envolvidos exercem papéis únicos e de suma importância para os atores envolvidos.

Sabe-se, a partir disso, que o(a) psicólogo(a) dentro do contexto escolar tem como foco inspecionar o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos no processo educativo, sobretudo em relação à subjetividade e às potencialidades apresentadas pelos diferentes atores presentes nos contextos educacionais (GASPAR; COSTA, 2011; LESSA; FACCI, 2011; SOUZA; COLS, 2011). Já a partir do Conselho Federal de Psicologia (2007), o(a) psicólogo(a), deve atentar-se às características do corpo pedagógico e administrativo, além de se deter ao Projeto Pedagógico de Curso (PPC), que engloba o currículo, as normas institucionais do material utilizado e os demais elementos do sistema educacional. Visando o desenvolvimento de uma equipe multidisciplinar, o PPC discute a respeito da elaboração, implantação, avaliação e reformulação de currículos, de projetos pedagógicos, de políticas educacionais e do desenvolvimento de novos procedimentos educacionais. Já no âmbito administrativo, contribui na análise e intervenção no clima educacional, buscando o melhor funcionamento do sistema que resultará na realização dos objetivos educacionais.

Além disso, de acordo com Lopes & Oltramari (2014, p.75), “faz-se significativo desenvolver formas de pensamento, estratégias e transmissões de conteúdo mais horizontais e multifacetadas, visando a adequar-se a essa pluralidade de sujeitos”. Diante deste contexto, Saarni (1999, p. 57 *apud* in Vale, 2009) define a competência emocional como a “demonstração da eficácia pessoal nos relacionamentos sociais que evocam emoção”, pois dedicar-se às habilidades e competências é uma das formas de preparar as novas gerações para um melhor manejo das emoções pessoais e do outro nas mais contraditórias situações.

Para Vygotsky (1989, p. 101), “o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas”. Portanto, percebe-se a urgência do uso de técnicas psicológicas para desenvolver socioemocionalmente o corpo escolar, com o intuito de capacitar e melhorar o ensino, bem como os atores envolvidos em todos os seus aspectos, pois a escola é vista como “local provedor de potências, de invenção e de construção coletiva” (ROCHA, 2000, p.06).

Partindo disso, a partir do ano de 2017, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC define a educação socioemocional como um componente curricular obrigatório e a rede educacional tinha como prazo até o ano de 2020 para inseri-la na grade curricular dos(as) alunos(as). Nesse sentido, com base na BNCC (2017),

“no novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades” (p. 14)

Logo, a atuação do psicólogo educacional deve estar alinhada com as necessidades e premissas colocadas como prioridade no que diz respeito à uma educação socioemocional ampla, qualificada e completa. Nesse sentido, Guzzo e Ribeiro (2019); Meireles e Feldman (2019); Silva e cols (2019) citam a importância da abordagem Histórico-Cultural de Vygotsky na elaboração de um estágio realizado durante o cotidiano de uma escola pública.

A partir disso, no que tange esse estágio, houve a divisão da prática em quatro etapas. Iniciou-se pelo reconhecimento da instituição através de encontros com os gestores, com o intuito de apresentar o projeto e estabelecer a forma de atuação, em seguida, foi realizada a apresentação da equipe para a comunidade escolar e posteriormente, o mapeamento em busca de compreender as demandas e necessidades do ambiente ao qual a atuação será realizada. Por fim, foram realizadas as intervenções preventivas e o encaminhamento de situações de violência que foram

identificadas durante o mapeamento (GUZZO & RIBEIRO; MEIRELES & FELDMAN; SILVA & COLS, 2019).

Foi necessário, portanto, compreender o desenvolvimento humano a partir da perspectiva de que existe uma superação entre o que é social e o que é individual. Outrossim, o desenvolvimento da criança deve ser visto e analisado como um processo complexo, que é marcado por saltos qualitativos. Logo, cada nova aprendizagem irá alterar a relação com as funções psicológicas (GUZZO & RIBEIRO; MEIRELES & FELDMAN; SILVA & COLS, 2019).

Entretanto, no que diz respeito às competências cognitivas e socioemocionais, o aumento e o estímulo permitem uma melhora em diversos aspectos, sendo eles os sociais, morais e econômicos. Além disso, é necessário que a criança esteja participando de um ambiente reforçador dessas competências para que novas sejam criadas e reforçadas (FUNDAÇÃO SANTILLANA, 2015).

É de suma importância considerar a “educação estética”, adotada por Zanella (2006) e elaborada por Vygotsky, como uma dimensão sensível, isto é, um modo específico de relação com a realidade, baseado na sensibilidade e nos sujeitos em relações, pois essa metodologia estimula a expansão do campo de ensino-aprendizagem, dando margem a (re)invenção das dinâmicas sociais dentro do microsistema escolar.

Ademais, Del Prette (1999 p.11) cita que a forma de atuação do psicólogo escolar engloba:

“A assessoria, na elaboração, implementação e avaliação de projetos pedagógicos coerentes com os vários segmentos da escola; a avaliação dos alunos em consonância com este projeto pedagógico; a análise e a intervenção relacionadas às interações em sala de aula, visando melhor aproveitamento das oportunidades educativas; o desenvolvimento de programas junto aos pais, com orientação sobre promoção de condições de aprendizagem; o diagnóstico e encaminhamento de problemas relativos a queixas escolares, entre outras”.

Destarte, dentro do contexto em questão a práxis – relação entre a teoria e a prática – é necessário dinamismo, interação e o diálogo para o aprofundamento do fazer reflexivo e refletido. Dessa forma, desencadeia-se novas e significativas práticas educativas em meio às múltiplas relações que se estabelece com a cultura e a sociedade. Logo, a declaração do Instituto Ayrton Senna (2016), em cartilha sobre a educação socioemocional, reverbera esses aspectos ao afirmar que “podemos

investir todos os recursos em Aprendizagem Acadêmica – o que nos levará diretamente ao objetivo; ou podemos diminuir recursos do Aprendizado Acadêmico e investirmos também em Aprendizado Socioemocional”.

Já a abordagem histórico-cultural da subjetividade, teorizada por Fernando Rey (2001), engloba a complexidade das inúmeras dinâmicas humanas, sobretudo em relação ao de ensino-aprendizagem, sendo esta inserida em uma rede complexa e humana, caracterizando os processos subjetivos. Sendo assim, com o resgate dos “aspectos afetivos e sociais do processo de aprendizagem por meio da legitimação do conceito de subjetividade a partir de uma perspectiva histórico-cultural, é o que nos permite definir a aprendizagem em função do sujeito em desenvolvimento, que está comprometido com as diferentes formas de subjetividade social que caracterizam sua existência social (Fernando Rey, 1997, p. 8)”.

Por este viés, o autor supracitado afirma que, a dualidade entre o plano individual e o social, junto a vivência cotidiana, origina significação e sentido para a constituição subjetiva da história do sujeito, através dos conjunto de projetos, reflexões e representações que são fontes de significados e sentidos, construídas conscientemente ou não. Ademais, tem-se que “a subjetividade social, singulariza vivências articulando instâncias individuais e sociais e torna-se extremamente útil na compreensão de processos característicos dos contextos escolares que se caracterizam pela complexidade de serem processos individuais, sociais e relacionais” (MITIJÁNS MARTINEZ, 2006).

Portanto, compreende-se que a necessidade de abordar as habilidades cognitivas e socioemocionais dos(as) alunos(as) é uma forma de promover discussões à respeito da saúde mental e de prevenção a futuras problemáticas que poderiam surgir pelo silenciamento de determinadas questões referentes ao processo de aprendizagem. Por isso, um estágio supervisionado que tenha como foco a elevação dos níveis de qualidade de uma educação socioemocional é de suma importância para promover bons frutos no contexto educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos textos estudados e das supervisões realizadas, ficou acordado entre o grupo, preceptor e professora que haveria seis encontros na instituição escolhida, dividindo-se em um primeiro encontro, realizado em 20 de abril, com o psicólogo da escola, a coordenadora pedagógica e a professora da disciplina de

Socioemocional, para ouvir sobre os trabalhos já realizados e quais as demandas mais urgentes que esses profissionais enxergavam. Em tal reunião de ajustes, a coordenadora nos explicou o mecanismo de organização escolar da instituição, informando sobre como as demandas costumam ser mapeadas, trabalhadas e ouvidas entre docentes, discentes e família.

Percebemos que havia um alinhamento da escola com o setor de psicologia, o qual pensava nas melhores estratégias para lidar com casos de laudos ativos, com a elaboração de um Plano de Ensino Individualizado e com o trabalho interventivo que tocavam os temas de violência virtual, competências socioemocionais, comunicação e leitura. Além disso, foi verbalizado pela coordenadora que, por vezes, no quinto ano do Ensino Fundamental I, existia a demanda sobre sexualidade e orientação sexual devido a faixa etária que os alunos se encontram. A partir desse diálogo, tivemos um encontro produtivo, pois conseguimos entender as propostas, ética e valores da instituição, esses que são os pilares utilizados com os discentes, permitindo, então, que tomássemos conhecimento a respeito da proposta de ensino e trabalho deles. Desse modo, segue os resultados das intervenções.

INTERVENÇÃO 1: ATIVIDADE PROPOSTA NO DIA 18 DE MAIO DE 2023 SOBRE ENFRENTAMENTO AO BULLYING.

No dia 18 de maio do ano de 2023, o grupo de alunos do componente curricular Estágio Básico II se dirigiu à escola Djanira Tavares para dar continuidade ao trabalho em campo, dessa vez com uma série de duas intervenções. As aulas utilizadas para o trabalho foram no horário da disciplina de socioemocional e, por isso, cada sala teve a intervenção em um momento diferente.

Ficamos responsáveis pelas atividades no quarto ano e junto com a professora Michele, fomos buscar os alunos em sala para realocá-los na biblioteca. Ao chegar ao local, fizemos um círculo, nos apresentamos, quando questionamos como eles estavam se sentindo no dia e a maioria respondeu que estava triste, porém também felizes. Após essa fase, fizemos um relaxamento que impulsionava a tranquilidade e diversão, pois primeiro caminhamos pela sala, deixamos os ombros caídos, respiramos abraçados e contando o tempo, quando eles deram pulos em movimentos de motricidade.

Jean Piaget (2010), debateu sobre a importância de estimular a psicomotricidade nas crianças em suas primeiras fases do desenvolvimento, afinal ela está

relacionada a forma como a criança interage com o mundo em uma relação desenvolvimento e interação de atividades, que mais tarde será aprofundada por Vygotsky (1996). Despertar a importância do brincar é torná-las ativas em suas realidades, de modo que exercitem o prazer do agir e do pensar. Uma criança que tem a psicomotricidade bem desenvolvida, apresentará a mente e corpo bem exercitados, pois a ela foram oferecidos recursos que estimulassem a independência.

Após esse momento, voltamos a formação em círculo e apresentamos para eles o livro que iríamos trabalhar. Em seguida, lemos a história do personagem **Ernesto** para eles que escutaram atentamente sobre o desenvolvimento da trama. Ao final, a partir do diálogo socrático, eles foram induzidos a associação livre no qual começaram a refletir sobre a história e disseram que “o personagem era visto pelo olhar dos outros, que ele deveria mudar, poderia até fazer mais e outros amigos, mas que algo ali deveria ser feito”, quando um dos alunos associou que se tratava de Bullying e relatou que já havia sofrido com isso, detalhando episódios vividos em outra escola.

Bullying é um fenômeno que se caracteriza por atos de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva e intencional contra uma ou mais vítimas. O fenômeno começou a ser estudado na Suécia, na década de 1970. No cenário brasileiro, foi, sobretudo, na década de 1990 que o **bullying** passou a ser discutido, mas foi, a partir de 2005, que o tema passou a ser objeto de discussão em artigos científicos (LOPES NETO, 2005).

A partir de então começamos a trabalhar como reagir diante dessas situações, quando um dos alunos interrompeu para perguntar o que era a **Depressão** e sanamos a dúvida explicando que era uma espécie de doença que requeria tratamento. Ele interpelou mais uma vez perguntando se tinha tratamento e foi respondido que sim. Em seguida, perguntamos o que eles diriam ao personagem para que ele não ficasse mais triste, quando a criança retornou ao assunto da dúvida pessoal para dizer que se sentia triste quando pensava em um amigo que faleceu e ele tinha relação próxima.

De acordo com o CID-10 (1993), a Depressão é a alteração afetiva mais estudada e falada na atualidade. Classificada como um transtorno de humor, ela vem reger as atitudes dos sujeitos modificando a percepção de si mesmos, passando a enxergar suas problemáticas como grandes catástrofes. A percepção da realidade hoje tem por base as primeiras relações objetivas, as quais funcionam como protótipo, ou modelo para todas as relações posteriores. Tratada como a doença

da sociedade moderna, a depressão tem características que podem traduzir uma patologia grave ou ser apenas mais um sintoma do sujeito diante de uma situação real de vida, ou seja, suas características podem determinar uma melancolia em si ou ser apenas um sintoma constituinte de uma outra patologia.

A depressão é conhecida pelos sintomas descritos como apatia, irritabilidade, perda de interesse, tristeza, atraso motor ou agitação, ideias agressivas, desolação e múltiplas queixas somáticas (insônia, fadiga, anorexia). Seu diagnóstico é facilitado pela presença dos sintomas e por um bom conhecimento teórico. Porém, sua dinâmica, suas origens, suas relações objetais e suas concepções ainda podem levantar questionamentos e levar a interpretações equivocadas prejudicando um possível tratamento (CID-10, 1993).

Assim, a dinâmica de grupo foi levada automaticamente para outro rumo, pois o sentimento de luto em questão era em relação a um aluno que estudava na escola e tinha cometido suicídio recentemente. O aluno pontuou que ficava triste por não ter o amigo por perto e que frequentemente sonhava com ele e tinha medo disso, pondo-se a chorar. O processo de luto dele ativou o choro de outros alunos que, coincidentemente, também tinham sofrido perdas recentes de parentes próximos. Assim, cinco alunos se colocaram a chorar copiosamente.

O tempo da dinâmica na biblioteca acabou quando tivemos que devolvê-los a sala e continuar um manejo improvisado. Lá, explicamos para o aluno que os sonhos eram uma forma de manifestação da saudade, quando ele relatou que “tinha medo de ter a doença que o amigo tinha”, essa que o havia levado à morte. Ele pediu para que o avaliasse e relatasse se ele sofria de depressão, quando explicamos os sintomas que a doença tinha e comparando aos comportamentos dele, demonstrando que não havia semelhanças.

Depois disso, outros alunos pediram para falar das perdas que os afetavam e em choro coletivo, o espaço se tornou uma escuta em grupo. Muitas dores e traumas foram relatados, sendo visível que as crianças não tiveram espaço para viver o luto na escola e com a família, tendo ali uma dor recolhida e uma curiosidade em entender o processo de morte e luto. Após a escuta e ainda em choro, sugerimos que os alunos dessem palavras de conforto uns para os outros como fizeram com o personagem do livro, mas não tivemos muitos efeitos positivos.

Em seguida, tentamos trabalhar o processo de resignificação de memórias pedindo para que eles elencassem um momento bom que viveram com aquelas pessoas, eles escolheram memórias positivas e os desafiamos a sempre que

uma lembrança de dor em relação ao luto viesse, eles tentassem lembrar desses momentos bons.

Ainda assim, o choro continuava quando explicamos que o luto era um processo, associando a cura física de hematomas a essa fase que eles passavam e relatamos que a saudade era um sentimento comum quando tínhamos algo das pessoas em nós. Sabemos, por Freud (1987) que a melancolia é uma forma patológica do luto, por isso, pedimos para que eles passassem os ensinamentos dados pelos parentes perdidos para outros, quando o aluno disse que não queria brincar com mais ninguém a não ser o amigo que havia falecido. Perguntamos então que música eles gostariam de escutar e sob o som de *Trem-Bala* pedimos para que eles escrevessem uma frase que diriam a pessoa naquele dia se pudessem. Assim eles o fizeram e começaram a desenhar no resto da folha quando, ao som de *Anunciação*, foram se acalmando. Ao fim, solicitamos que eles lessem a frase para uma segunda pessoa que mais gostassem que estivesse presente no convívio deles e os liberamos devido ao horário.

INTERVENÇÃO 2: ATIVIDADE PROPOSTA NO DIA 25 DE MAIO DE 2023 SOBRE COMO LIDAR MEDIANTE A PERDA

Em seguimento, no dia 25 de maio retornamos para a escola para fazer a segunda parte da nossa intervenção. O tema proposto foi: *Como você lida quando perde algo ou alguém* e tinha o intuito de fazer a turma refletir sobre a necessidade da perda e do luto. Para isso, usamos o livro intitulado de *Pode chorar, coração, mas fique inteiro* de autoria de Glen Ringtved e Charlot Pardi, que faz uma reflexão de que a morte é um processo da vida que precisa acontecer, pois é a partir desse processo que nos motivamos a valorizar a vida. O livro também abre reflexões sobre como lidar com esse momento, abordando que precisamos entender que temos um misto de emoções que aos poucos vão se completando e equilibrando no corpo e na mente.

Inicialmente, fizemos um círculo e com o auxílio de recortes de emojis, pedimos para a turma escolher quais emoções definiriam como eles estavam naquele momento e o motivo. A maioria dos meninos e meninas disseram que estavam loucos de alegria e de amor, o que tornou a acolhida mais leve. Após essa conversa inicial, lemos o livro para eles e deixamos que refletissem sobre a profundidade e reflexão da história. A partir das frases elencadas por uns e completadas pelos

amigos, eles puderam perceber que não há como interferir nos caminhos da vida e que está tudo bem ficar triste às vezes.

Em seguida, entregamos molduras em folhas para que eles construíssem um memorial de boas lembranças. A partir do desenho e do colorir, eles expressaram momentos de lazer que tinham com a família e, ao acabar, contaram para a turma sobre esses momentos, enfatizando que vão fazer por onde aproveitar mais os instantes com as pessoas que amam. Após essa devolutiva, guardaram a atividade proposta no caderno para lembrar sempre que pudessem. De acordo com Moreira (1993), é através do desenho que a criança coloca a imaginação, fantasias, alegrias, medos e tristezas. Tudo o que foi armazenado ao longo do tempo a criança começa a expressar no papel nos primeiros anos na escola, ou seja, na Educação Infantil. O desenho é a comunicação da criança, e o que é retratado é, segundo sua visão, sua vivência cotidiana.

Na nossa despedida, demos um chaveiro com o personagem do *Arnesto* às crianças e professoras, agradecemos a acolhida, descemos para conversar com o psicólogo sobre o encaminhamento das atividades do dia e tiramos foto de despedida com a turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas realizadas no Estágio II foram de grande valia para o aprendizado dos estagiários, com a finalidade de observar na prática o que foi aprendido nos componentes de Psicologia Educacional. Os textos trazidos nas orientações foram fundamentais para o andamento do estágio, apesar de não ter como contemplar a ideia inicial de Educação Inclusiva, pôde-se reajustar as intervenções práticas de acordo com a necessidade do ambiente escolar e trabalhar com os alunos questões importantes como *bullying*, luto e sentimentos positivos, como o amor.

Além disso, pôde-se perceber que, diferente da clínica, a atitude do Psicólogo ou Psicóloga escolar é muito mais próxima do cliente ou aluno, evidenciando que o afeto faz parte do processo e a transferência é fundamental para que o vínculo criado seja produtivo nas interações escolares, reforçando que a atuação da psicologia nesse contexto não se limita ao manejo de laudos clínicos para otimizar a aprendizagem dos alunos, mas a prepará-los emocionalmente para que se tornem adultos saudáveis, que saibam lidar com seus sentimentos e respeitar os dos outros.

Apesar do apoio do psicólogo da instituição e das demais profissionais que deram o suporte necessário para que o estágio ocorresse sem maiores problemas, sabe-se que a realidade de uma escola particular é diferente de uma escola da rede pública, que possui menos recursos financeiros, logo, menos profissionais focados no desenvolvimento socioemocional dos alunos, o que poderia resultar em intervenções diferentes. Sendo assim, sabe-se que a experiência dos estagiários foi privilegiada, mas que se faz necessário ocupar outros ambientes e outras realidades a fim de aprender como a psicologia pode auxiliar os indivíduos e as comunidades.

Ademais, é fundamental reconhecer que o psicólogo escolar não é capaz de resolver as questões subjetivas de cada aluno, podendo interferir na presença, no acolhimento e na escuta, essas que são ferramentas indispensáveis para promover saúde e bem-estar na comunidade escolar. Além disso, pôde-se perceber que a atuação do profissional na escola não se faz apenas na sala destinada a Psicologia, mas ao andar pelos corredores, entrar em salas de aula e promover intervenções individuais e grupais com os alunos, a fim de construir vínculos afetivos com os alunos e enxergar como eles interagem com o meio e com os colegas.

A partir do estágio, pudemos perceber que o debate sobre *bullying*, linguagens do amor, emoções, luto e aceitação causaram um efeito direto nas crianças. Sabe-se que, para Motta e Romani (2019), o autoconceito e a autoeficácia influenciam e são influenciadas pelas experiências na escola, tornando fundamental um planejamento para que esse período seja positivo na história da criança. A aquisição de bem-estar psíquico e de competências socioemocionais normalmente era atribuída às famílias; entretanto, devido a mudanças no funcionamento familiar, a escola começa a assumir esse papel.

Nesse sentido, Cunha (2018) coloca que as competências socioemocionais podem ser desenvolvidas em atividades que permitam o desenvolvimento de uma expressão comportamental que pode gerar o bem-estar coletivo. Dessa forma, o grupo de estágio impulsionou essa atividade a partir da linguagem do amor, do exercício do diálogo, da aceitação, empatia e gratidão. Entende-se, a partir de Pieta e Freitas (2009), que o uso desses sentimentos resulta em pessoas mais benevolentes que estão propensas ao perdão, bem como em um avanço pró-social que gera sentimentos, pessoas e reações mais agradáveis.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toletto. Desmistificando a inclusão. **Revista Psicopedagogia**, v. 22, n.º 67, p. 59-66, 2005.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre, Artmed, 2011.

CASTRO, Lucia Rabello de. **A aventura urbana**: crianças e jovens no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (2017). Acesso em: 13 jun. 2023. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf

Bullying não! Ser diferente é legal, Vivian Suppa & Miguel Falabella, YouTube, (2018), 03:50, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Oi3K9KDt_FY.

CID – 10.. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID – 10. Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas (1993).
CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**, Resolução n.º 10/05, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro n.º 013/07, 2007. Disponível: http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2007_13.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP n.º 02, de 1º de julho de 2015.

DE PINTO, Dasny Pestana et al. A importância da roda de conversa na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 6, p. 1298-1309, 2021.

DE OLIVEIRA, W. A. et al. The causes of bullying: results from the National Survey of School Health (PeNSE). **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 2, p. 275-82, 2015 Mar./Apr. 2015. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26039298>. Acesso em: 23 fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.0022.2552>

DIAS, Ana Cristina Garcia; PATIAS, Naiana Dapieve; ABAID, Josiane Lieberknecht Wathier. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 18, n. 1, p. 105–111, jan. 2014.

CUNHA, Lizie. Fofonka. **Psicologia Positiva e intervenções em Gratidão**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, 2018.

DOS SANTOS, Valdelina Bezerra; DE SOUSA MUNIZ, Simara; DA SILVA, Denyse Mota. A importância do estágio supervisionado na formação inicial docente: relato de experiência. *Facit Business and Technology Journal*, v. 1, n. 13, 2020.

FARIAS, Mahra Danyelly Pinto. A importância do desenvolvimeto das competências socioemocionais na escola de ensino médio em tempo integral Antonio Raimundo de Melo. **Revista Docentes**, v. 6, n. 16, p. 49-55, 2021.

FRANCO, Blandina; LOLLLO, José Carlos. **Ernesto**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia** (1917). São Paulo: Imago, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPAR, Fernanda Drummond & Costa, Thaís Almeida. Afetividade e atuação do psicólogo escolar. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n.1, p. 121-129, 2011.

GINÉ, Carlos Alberto; RUIZ, Ruan. As adequações curriculares e o projeto de educação do centro educacional. In: PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 3. p. 295-321, 1995

GOMES, Ruth Cristina; GHEDIN, Evandro. **O desenvolvimento cognitivo na visão de Jean Piaget e suas implicações a educação científica**. Campinas. Associação Brasileira de Pesquisa em Educação e Ciência - ABRAPEC, 2011.

GONZALEZ REY, Fernando Luis. La subjetividad social y su expresión en la enseñanza. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 95-107, dez. 1997. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300008&lng=pt&nrm=iso>.

GONZALEZ REY, Fernando. La Categoría de sentido subjetivo y su Significación en la Construcción del Pensamiento Psicológico. *Contrapontos – Revista de Educação da Universidade do Vale do Itajaí*, ano 1, n. 2, Itajaí, Santa Catarina, 2001.

GONZÁLEZ REY, F. *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Thomson Learning, 2004a.

GUZZO, Raquel Souza Lobo et al. Práticas Promotoras de Mudanças no Cotidiano da Escola Pública: Projeto ECOAR. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, v. 11, n. 1, p. 153-

167, abr. 2019. ISSN 2175-5027. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/2967>. Acesso em: 13 jun. 2023. **INSTITUTO AYRTON SENNA. Tomando nota! Sobre o desenvolvimento das Competências Socioemocionais nas escolas. Insper**. Núcleo de Pesquisa em Ciências para a Educação, 2016.

KELMAN, Celeste Azulay. Desenvolvimento humano e Singularidade na perspectiva histórico cultural. In.: MACIEL, Diva Albuquerque. **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília, 2010.

LESSA, Patrícia Vaz de.; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A atuação do psicólogo no ensino público do Estado do Paraná. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 1, p. 131-141, jan. 2011.

LOPES, Sara Rodrigues; GESSER, Marivete; OLTRAMARI, Leandro Castro. Estratégias de intervenção em psicologia escolar a partir de uma perspectiva psicossocial: relato de experiência. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 9, n.º. 1, p. 73-82, 2014.

LOPES NETO, Arames. **Bullying** - comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v.81, n.º5, p. 164-172, 2005.

MACHADO, João Batista; ARAÚJO, Jéssica Batista. Por uma psicologia anticapacitista: perspectivas da psicologia direcionadas a pessoas com deficiência. **Científica Multidisciplinary Journal** v. 7, n.º1, 2021.

MATOS, Cíntia de Araújo. **O desenvolvimento subjetivo do psicólogo escolar**: reflexões sobre os processos de atuação e formação profissional. 2019.

MENDES, Jocerlei de Fátima; SOARES, Angélica Muniz; SAGAZ, Valéria Rossi. **O psicólogo na prevenção do bullying escolar**: visão dos alunos do sexto ano de uma escola pública de Ponta Grossa - PR. Ponta Grossa: Editora da Faculdade Sant'ana. 2017.

MITJÁNS MARTINEZ, Albertina . A perspectiva histórico-cultural da subjetividade: implicações para o trabalho pedagógico com crianças deficientes. In: **Novas subjetividades, currículo, Docência e questões Pedagógicas – na perspectiva da inclusão social**. Anais do XIII ENDIPE, p. 371-387, Recife: 2006.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva**: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho**: a educação do educador. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MOTTA, Piere Cerveira; ROMANI, Patrícia Fasolo. A educação socioemocional e suas implicações no contexto escolar: uma revisão de literatura. **Psicologia Educacional**. v.49, nº1, 2019.

Organização para Cooperação e Desenvolvimentos Econômicos. *Estudo da OCDE sobre Competências*: competências para o progresso social. São Paulo: Fundação Santillana, 2015. OLIVEIRA, Naiara Hakime Dutra. **Contexto da família. Recomeçar**: família, filhos e desafios [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

Pedagogia do oprimido. 50. ed. Rev. e atual: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

PIAGET, Jean. **Linguagem e o pensamento da criança**. Massangana, 2010.

PIETA, Maria. Adélia; FREITAS, Lia. Beatriz. Sobre a Gratidão. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, 2009.

RINGTVED, Glenn; PARDI, Charlotte. **Pode chorar, coração, mas fique inteiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ROCHA, M. L. DA. Educação em tempos de tédio: um desafio à micropolítica. In

E.Tanamachi, M. Proença, & M. Rocha (2000). **Psicologia e educação**: desafios teórico-práticos (pp. 185-207). São Paulo: Casa do Psicólogo (2000)

SAARNI, Carolyn. The development of emotional competence. Nueva York: Guilford, 1999. Apud in VALE, Vera do. Do tecer ao remendar: os fios da competência socio-emocional. Coimbra: **Revista Exedra**, nº 2, 2009.

SANTOS, Evanice; BEZERRA, Maria do Socorro Pontes; TADEUCCI, Maria de Sá. Educação: a importância do Psicólogo no contexto escolar. In. Anais do XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Paraíba, Rio Grande do Sul, 2010.

SANTOS, Valdelina Bezerra dos; MUNIZ, Simara de Sousa; SILVA, Denyse Mota da. A Importância do Estágio Supervisionado na Formação Inicial Docente: Relato De

Experiência. Educação formal e não formal, cultura e currículo III , [S. l.], v. 7, n. 8, p. 140-147, 22 maio 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2022>.

SOUZA, Cláudia Silva de.; RIBEIRO, Maria José; SILVA, Silvia Maria Cintra da. A atuação do psicólogo escolar na rede particular de ensino. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 15, n. 1, p. 53–61, jan. 2011.

TREVISO, Vanessa Cristina.; ALMEIDA, José Luis. Vieira. DE. O conhecimento em Jean Piaget e a educação escolar. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, 2014. Disponível em: <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074544.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

VYGOTSKY, Lev. *Pensamento e Linguagem*. 6a. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **A formação social da mente**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

XAVIER, Leandro de Paula; REIS, Priscila Palandi Ferraz; FRASSÃO, Márcia Cristina Gonçalves de Oliveira. O Trabalho do Psicólogo Junto à Equipe de Saúde / The Work of the Psychologist with the Health Team. **Revista Ciências em Saúde**, v. 6, n. 1, p. 66-77, 2016.